

6

Recreios Ativos Através do Resgate das Brincadeiras Infantis

Érica Blascovi de Carvalho
Graduada em Nutrição – PUC-Campinas

André Luiz Papaléo
Mestrando em Educação Física – UNICAMP

Introdução

Os brinquedos e a criança são parceiros inseparáveis na infância. Enquanto brinca, a criança cresce à medida que as brincadeiras vão fazendo parte do seu contexto de aprendizado, permeado por alegrias, curiosidades e vivacidade próprias da meninice.

No momento em que as crianças ingressam na escola, muitas já levam consigo uma bagagem de brincadeiras que farão parte das atividades cotidianas praticadas livremente entre elas.

Nesse contexto o recreio escolar, enquanto espaço pedagógico, possibilita uma vivência enriquecedora para o desenvolvimento motor, intelectual e emocional, bem como para a sociabilidade das crianças.

Pretende-se apresentar aqui uma proposta de re-qualificação dos recreios escolares, o que passa pela conceituação do que se entende por um recreio modelo e pela identificação dos critérios fundamentais de uma intervenção nessa área por meio do resgate das brincadeiras infantis.

Recreio Escolar

Analisemos primeiro, o significado da palavra recreio: “divertimento, prazer; lugar próprio para se recrear”. E o que seria recrear? “Divertir-se, folgar, brincar”. Assim, fica claro que o recreio escolar deve ser um momento de prazer, de diversão aos alunos.

Assim sendo, nos perguntamos se o recreio escolar realmente estimula o brincar da criança. Será que a escola valoriza esse momento? Como as crianças aproveitam esse tempo?

Nos dias em que não há aula de Educação Física, o recreio é o único momento em que os alunos podem se movimentar com maior liberdade. Por essa razão, o mais comum é observarmos crianças correndo, pulando, gritando, extravasando toda a energia reprimida nos longos períodos em que permanecem sentadas na sala de aula.

Atividades físico-esportivas, as brincadeiras de pegar, de jogar com os tazos no saguão e de explorar os ambientes físicos da escola parecem ser as mais praticadas (NEUENFELD, 2003).

Entretanto, nem todas as crianças aproveitam igualmente o recreio. Crianças menores muitas vezes se sentem desprotegidas, permanecendo perto das salas de aula ou da sala dos professores, aguardando o final do recreio para entrar novamente na classe. Ainda, crianças com menos afinidade para os esportes podem não ser convidadas a jogar enquanto outras são discriminadas pelo biotipo, pelo sexo ou simplesmente por desejar realizar atividades diferentes daquelas mais comuns em seu ambiente escolar.

Dessa maneira, nos perguntamos: como a escola pode contribuir para melhorar a qualidade do recreio escolar?

Espaço Físico e Oferta de Materiais

O recreio escolar pode ser considerado um tempo e espaço de relacionamentos sociais que, por seu caráter informal, facilita a brincadeira e o jogo, seja através da cooperação, do conhecimento, aceitação de regras entre outros.

Para promover o desenvolvimento integral da criança, os recreios devem caracterizar-se pela diversidade na oferta de espaços e de materiais interessantes, como bolas, cordas, elástico, jogos de tabuleiro – o que não acontece em todas as escolas. Será que o pro-

blema é a falta de condição para a aquisição de novos materiais? É possível, então, pensar na criação de brinquedos a partir de sucatas, que podem ser feitos nas próprias aulas de Educação Física e Educação Artística. Além de estimular a criatividade no momento de sua confecção, a oferta de brinquedos nos recreios trabalha a questão da responsabilidade, do zelo, do dividir e do compartilhar.

Atualmente, é necessário também que os projetos de reforma e de construção de escolas considerem a necessidade de haver equipamentos e espaços que permitam que as crianças brinquem e se movimentem. A escola é vista cada vez mais como um espaço passível de suprir a carência de movimentação das crianças, que contam a cada dia com menos espaços físicos adequados para a prática de certas atividades e vivem, muitas vezes, reclusas devido à crescente violência urbana.

A falta de espaço e de materiais acaba limitando as opções de atividades a serem desenvolvidas àquelas que não necessitam de materiais específicos, como pega, ou então, as que utilizam acessórios trazidos de casa, como os já citados tazos ou cartas. Neuenfeld (2003) observou ainda que, mesmo com a demarcação dos locais para atividades como a amarelinha, por exemplo, esses espaços são pouco utilizados, concluindo que está havendo uma perda da cultura popular.

A restrição das atividades a um campo específico de interesse muitas vezes não ocorre por opção, mas por falta de contato com outros conteúdos. Para alterar esse comportamento, uma opção seria a intervenção pedagógica.

Intervenção Pedagógica

O recreio escolar parece passar despercebido no contexto educacional. Os professores veem esse momento como uma pausa na sua atividade docente e uma oportunidade para o aluno extravasar energia, descansar ou lanchar. Nota-se uma grande resistência dos professores quando se propõe um trabalho a ser desenvolvido nesse período com os alunos, pois para isso teriam que abdicar dos poucos minutos de intervalo a que tem direito. Nesse sentido, percebe-se que as necessidades dos alunos não estão sendo consideradas. Entretanto, o recreio escolar faz parte do período educacional da escola, e não pode ser desprezado.

As crianças precisam de ajuda para se organizar e ter vivências diferentes que podem lhe proporcionar prazer. Ainda, a presença de um monitor pode permitir que crianças antes acanhadas e privadas da participação nas atividades do recreio se divirtam também. Um adulto orientando as atividades está automaticamente zelando pela integridade física e moral das crianças, inibindo a prática de *bullying* e a discriminação por parte dos alunos que normalmente estão no comando.

Como o recreio é historicamente caracterizado pela não intervenção do corpo docente, são as próprias crianças que criam formas de interação entre si e de utilização desse momento. Assim, parece-nos relevante o fato de que a busca por elementos para uma possível intervenção nesse ambiente se faça através do diálogo entre os profissionais da escola e os alunos, levando sempre em consideração os interesses próprios destes últimos. Esses interesses podem ser os mais variados possíveis no interior de uma determinada instituição sem, contudo, desconsiderar o papel do professor no oferecimento variado de opções, uma exigência de sua prática educativa.

Sugere-se que as atividades sejam diversificadas, evitando-se a exclusividade das físico-esportivas. Devem fazer parte desse contexto as brincadeiras de roda, danças, capoeira, brincadeiras infantis diversas, além de atividades de cunho artístico, como teatro, artes plásticas, e outras atividades sugeridas pelos alunos. A aplicação de atividades lúdicas aqui deve também respeitar a livre adesão por parte dos alunos, a fim de não transformar esse momento rico em potencialidades em algo entediante, indesejado, visto ser justamente a ausência de rigidez seu elemento diferencial quando comparado à maioria das aulas formais.

Em pesquisa realizada em escolas de Portugal (LOPES *et al.*, 2006), constatou-se um aumento da atividade física entre os escolares de ambos os sexos, a partir de intervenção no período do recreio. A amostra consistiu de 158 crianças com idades entre 6 e 12 anos e a intervenção foi apenas no sentido de disponibilizar materiais variados, sem qualquer instrução acerca da utilização dos mesmos. A pesquisa demonstrou o quanto esse tempo e espaço são privilegiados para a promoção da saúde devido a seu potencial de estimulação de estilos de vida ativos, mesmo sem a atuação direta de um profissional.

Possíveis Atores à Intervenção

Ao pensarmos em intervenção para a prática de atividades e jogos que exercitam o corpo, o professor de educação física é o primeiro profissional a ser lembrado. É ele quem possui vasto conhecimento sobre os diferentes conteúdos culturais relacionados ao movimento e ao seu impacto em nosso corpo, além de estar apto a conduzir tais atividades visando seu bom desenvolvimento e a manutenção da saúde.

Assim sendo, a presença de um profissional dessa área é extremamente interessante, já que sua missão não deveria se resumir ao horário de aula, e sim a uma constante preocupação com a prática de atividades físicas pelos alunos (MARTINS JR., 2000).

Sabe-se que o comportamento das crianças se molda através de exemplos. Ter um profissional querido pelos alunos, que lhes incentive a ter hábitos saudáveis de vida, se faz necessário para que tais hábitos sejam arraigados – o que aumentará a chance de manutenção dos mesmos na vida adulta.

Entretanto, o professor de educação física não deve ser o único responsável pelo acompanhamento das crianças na hora do recreio. Os demais professores também devem participar, de maneira que seja feito um rodízio para que todos tenham direito de usufruir o seu intervalo, que, muitas vezes, é um dos poucos períodos de tempo que possui para interagir com seus colegas.

A família e a comunidade também podem participar. Pais, avós e amigos podem enriquecer muito esse momento do cotidiano escolar, contribuindo com a apresentação de brincadeiras de sua infância, muitas vezes desconhecidas pelos alunos. Não é necessário ser um profissional da saúde para ensinar a brincar e, respeitando alguns limites, contribuir para a saúde da criança, visto que as brincadeiras por si só divertem, proporcionam gasto de energia e contribuem para o desenvolvimento e diminuição do sedentarismo infantil.

Sugestões de Atividades

A seguir, seguem algumas sugestões de brincadeiras infantis com a descrição de sua estrutura, materiais necessários e benefícios oferecidos a seus praticantes.

Antes, porém, é importante comentar brevemente sobre o conceito de estrutura. Pontes e Magalhães (2002, p. 214) definem a estrutura da brincadeira como sendo os:

[...] elementos gerais que permitem perceber uma determinada ordem ou organização da brincadeira em questão, de modo que se possa identificar relações entre outras brincadeiras de natureza semelhante, e assim, perceber as características ou as funções ou funcionamento do todo.

Devemos, entretanto, lembrar que a estrutura não é uma realidade empírica, visível, mas abstraída por um observador; assim esse termo pode ter implicações estáticas errôneas quando aplicadas a fenômenos sociais.

Brincadeiras tradicionais infantis, enquanto instituições sociais, estão num contínuo processo de mudança. Portanto, a conservação de sua estrutura é algo relativo, já que elas se modificam no tempo e no espaço em função da rede de relações específicas de um grupo social e/ou de um sistema cultural. Assim sendo, sugerimos que toda brincadeira seja adaptada, quando necessário, ao contexto do grupo.

Vamos às brincadeiras.

Barangandã

Materiais necessários:

jornal, barbante, tesoura, papel crepom.

Descrição:

construção do brinquedo – dobrar o papel crepom várias vezes, permitindo o corte em tiras de aproximadamente 2 cm de largura que servirão como enfeite. Abrir essas tiras em seu comprimento e colocar os primeiros 8 cm sobre o canto de uma folha de jornal. Dobrar a folha de jornal em sua largura em espaços iguais de 4 cm de forma a prender em seu interior as tiras de papel crepom. Dobrar a mesma folha agora em seu comprimento de forma a se obter, como resultado final, um quadrado de

aproximadamente 16 cm². Amarrar o jornal com o barbante, deixando de sobra um espaço de 40 cm que servirá como corda.

Como brincar:

segurando o barbante em sua extremidade livre, girar o brinquedo no ar. Há várias possibilidades de movimentos, inclusive com um brinquedo em cada mão. É possível também a criação de coreografias individuais, em duplas, ou em grupos.

Benefícios:

coordenação, agilidade, destreza, ritmo.

Vôlei Adaptado

Materiais necessários:

bola de vôlei ou peteca.

Descrição:

Formar três equipes com no mínimo 5 pessoas por equipe. Distribuir cada equipe num campo de uma quadra de vôlei (ou espaço equivalente) sendo que uma das equipes ocupará o espaço da rede e fazendo o seu papel. Seguindo as regras do vôlei ou adaptando-as às necessidades e interesses do grupo, uma equipe começa o jogo. Seu objetivo é passar a bola para o campo adversário. A equipe que faz o papel de rede deve tentar interceptar a bola, de modo que, se um de seus integrantes conseguir tocar a bola, toda a equipe ganha o direito de sair da posição de “rede”, assumindo o lugar da equipe que lançou a bola por último. Esta, por sua vez, passa para a rede.

Benefícios:

Desenvolvimento motor, socialização, retirada da ênfase no aspecto competitivo do jogo.

Batata Quente

Materiais necessários:

bola.

Descrição:

Formar um círculo com todas as pessoas (exceto uma), de pé ou sentadas, voltadas para seu interior. A pessoa que ficou de fora deve posicionar-se externamente ao círculo e de costas para ele, de modo a não enxergar o que se passa nele. Essa mesma pessoa vai começar a cantar batata quente, quente, quente etc. Enquanto isso, no círculo as pessoas vão passando a bola de mãos em mãos sempre no mesmo sentido. Quando a pessoa de fora parar de cantar, aquela que estiver com a bola nas mãos deverá sair do jogo, retornando apenas na próxima rodada.

Benefícios:

Agilidade, destreza.

Nunca Três

Materiais necessários:

não há.

Descrição:

É necessário um número par de pessoas e no mínimo 4 participantes, sendo que o envolvimento aumenta quanto maior for o número de pessoas. Dividir os participantes em duplas. Distribuir todas as duplas (exceto uma) sentadas, dispersas em um grande espaço. Cada dupla deve ter um à frente, como numa fila. Dos integrantes da dupla em pé, um será o pega e o outro o fugitivo. Dá-se início ao pega. Quando o fugitivo sentar atrás do último de alguma dupla, o primeiro deverá levantar e assumir a posição de fugitivo. Variações possíveis: a pessoa que levantar, ao invés de assumir a posição de fugitivo torna-se o pega, assim, o que antes era pega tem agora que fugir. Outra possibilidade é soltar duas duplas de pegadores e fugitivos.

Benefícios:

socialização, velocidade, destreza e alto gasto calórico.

Dança da Cadeira (Modo Cooperativo)

Materiais necessários:

Aparelho de som, CDs, cadeiras (1 a menos do que o número total de participantes).

Descrição:

Formação igual à dança da cadeira tradicional, ou seja, dispõem-se as cadeiras no centro de um círculo (uma a menos que o número de participantes), todas voltadas para fora. Os participantes formam um círculo maior ao redor das cadeiras e, ao som de uma música, começam a dançar ao mesmo tempo em que caminham no mesmo sentido, ao redor das cadeiras. Quando a música for instantaneamente desligada, todos procuram um lugar para sentar. Aqui começa a diferença fundamental com relação à versão tradicional, pois ao invés de uma pessoa sair da brincadeira (aquela que não conseguiu lugar), todos devem juntos pensar numa solução a fim de manter esta pessoa na brincadeira. Assim, esta pessoa senta no colo de outra. A música recomeça enquanto mais uma cadeira é retirada e assim por diante. Como sugestão, propor ao final que o grupo descubra uma maneira de sentar todos juntos e sem nenhuma cadeira. Dentre as soluções possíveis, uma bastante interessante é todos formarem uma grande roda, voltarem-se para o lado, de modo que um fique voltado para as costas do outro e, então, todos sentam ao mesmo tempo no colo do detrás.

Benefícios:

Criatividade, cooperação.

Considerações Finais

Procuramos demonstrar neste capítulo que as brincadeiras e os jogos podem ser importantes aliados para a promoção da saúde através da aquisição de um estilo de vida saudável já a partir da infância.

A escola, por sua vez, pode contribuir para isso a partir de um melhor aproveitamento do tempo e espaço destinados ao recreio. Não apenas através da disponibilização de materiais, que podem inclusive ser confeccionados pelos próprios alunos, mas também através do oferecimento de espaços adequados e, principalmente, através da formação de grupos entre professores e pessoas da comunidade interessados em participar do planejamento e desenvolvimento de atividades lúdicas com os escolares.

Finalizando, estamos certos que, de acordo com a seriedade com que o recreio seja tratado no ambiente escolar, ele poderá influenciar de maneira positiva não apenas o presente, mas as escolhas futuras das crianças em busca de uma vida com mais qualidade.

Referências Bibliográficas

- LOPES, L.; LOPES, V.P.; PEREIRA, B. Atividade física no recreio escolar: estudo de intervenção em crianças dos seis aos 12 anos. *Rev. bras. Educ. Fís. Esp.*, São Paulo, v.20, n.4, 2006. Disponível em: <http://www.usp.br/eef/rbefe/vol20_n4/5_v20_n4_p271.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2008.
- MARTINS Jr., J. O professor de educação física e a educação física escolar: como motivar o aluno? *Revista da Educação Física/UEM*. Maringá, v. 11, n. 1, p. 107-117, 2000.
- NEUENFELD, D.J. Recreio escolar: o que acontece longe dos olhos dos professores? *Revista da Educação Física/UEM* Maringá, v. 14, n. 1, p. 37-45, 1º sem. 2003.
- PONTES, F. A. R.; MAGALHÃES, C. M. C. A estrutura da brincadeira e a regulação das relações. *Psic.:Teor. e Pesq.* Brasília, v.18, n.2, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722002000200011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 jun. 2008.